

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**A PSICOLOGIA QUE NATURALIZA A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO E
SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O PSIQUISMO: CRÍTICA À
ESQUIZOANÁLISE DESDE O MATERIALISMO HISTÓRICO E DA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Amanda Biasi Callegari (Universidade Estadual de Maringá, Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano e Processos Educativos, Maringá-PR, Brasil); Silvana Calvo Tuleski (Universidade Estadual de Maringá, Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano e Processos Educativos, Maringá-PR, Brasil). Amanda Biasi Callegari apresentará o trabalho.

contato: amandabiasi@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho se referencia em uma pesquisa de doutorado ainda em andamento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O objetivo geral da referida tese é analisar, a partir dos pressupostos metodológicos da teoria social marxiana e da teoria psicológica da Psicologia Histórico-Cultural, a filosofia escrita em conjunto por Gilles Deleuze e Félix Guattari conhecida como esquizoanálise. Trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual e a metodologia utilizada para tal objetivo consiste na leitura crítica e sistematização de todas as obras escritas em conjunto pelos dois autores supracitados. Buscar-se-á, neste texto, apresentar brevemente um recorte da investigação empreendida na tese e, para isso, apresentar-se-á três das problemáticas trazidas pelos autores franceses no conjunto de sua obra: a) a crítica feita ao sistema edípiano de Sigmund Freud e, posteriormente, Jean-Jacques Lacan na explicação das psicoses – a que os autores denominam “lacanismo”; b) a crítica à filosofia hegeliana; c) os esforços dos autores para a “reformulação” da filosofia nietzschiana por um viés progressista. Como uma investigação ainda em andamento, pode-se apontar como conclusão a compreensão de que, ainda que seja considerada uma filosofia progressista e que muitas vezes os próprios autores façam alusão à tradição marxista e se autodenominem desta forma, a esquizoanálise passa ao largo de ser uma teoria materialista histórica tendo, antes, muitos mais traços de uma filosofia essencialmente idealista. Além disso, entende-se que, tendo a esquizoanálise alcançado também o âmbito da Psicologia, se faz necessário produzir mais estudos acerca desta temática utilizando das teorias psicológicas para compreender a natureza da esquizoanálise, e buscando apontar as limitações e possíveis avanços desta teoria para a construção do conhecimento na ciência psicológica.

PALAVRAS-CHAVE: Esquizoanálise. Psicologia Histórico-Cultural. Materialismo Histórico-Dialético.

INTRODUÇÃO

A esquizoanálise é uma teoria filosófica formulada a quatro mãos pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari ao longo das décadas de 1970, 1980 e início da década de 1990. O objetivo geral da tese que dá origem a este texto é analisar, a partir dos pressupostos metodológicos da teoria social marxiana e da teoria psicológica da Psicologia Histórico-Cultural, a filosofia escrita em conjunto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, conhecida como esquizoanálise.

A filosofia de Deleuze e Guattari compreende uma variedade de temas que são colocados em debate pelos autores, dentre os quais serão destacados neste texto: a) a crítica feita ao sistema edipiano de Sigmund Freud e, posteriormente, à teoria de Jean-Jacques Lacan para a explicação das psicoses – a que os autores denominam “lacanismo”; b) a crítica à filosofia hegeliana; c) os esforços dos autores para a “reformulação” da filosofia nietzschiana por um viés progressista. Neste trabalho estas três problemáticas trazidas pelos filósofos serão apresentadas e discutidas brevemente.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa teórico-conceitual e a metodologia utilizada para tal objetivo consiste na leitura crítica e sistematização de todas as obras escritas em conjunto pelos dois autores supracitados que está sendo realizada por ocasião da escrita da tese de doutorado, a saber: 1) *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*, de 1972; 2)

Kafka. Por uma Literatura Menor, de 1975; 3) *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, composto por cinco volumes publicados em 1980; 4) *O que é a Filosofia?*, de 1991. Por meio da leitura crítica e da sistematização dessas obras, buscar-se-á, neste texto, apresentar brevemente três das diversas problemáticas trazidas pelos autores franceses no conjunto de sua obra: a) a crítica feita ao sistema edipiano de Sigmund Freud e, posteriormente, à teoria de Jean-Jacques Lacan na explicação das psicoses – a que os autores denominam “lacanismo”; b) a crítica à filosofia hegeliana; c) os esforços dos autores para a “reformulação” da filosofia nietzschiana por um viés progressista; utilizando o materialismo histórico-dialético e a Psicologia Histórico-Cultural como chave heurística para a análise.

RESULTADOS PARCIAIS

Os resultados parciais a que se chegou para a compreensão, ainda elementar, do tratamento dos autores aos três temas destacados neste texto serão apresentados a seguir.

Em junho de 1969, Félix Guattari (1930 – 1992), então administrador de uma clínica psiquiátrica na França, chamada La Borde, militante de esquerda e estudante de psicanálise, conhece Gilles Deleuze (1925 – 1995) por meio de Jean-Pierre Muyard, um amigo em comum que os apresenta. Jean-Pierre Muyard, que também trabalhava na clínica La Borde junto à equipe de Guattari, vinha estabelecendo com Deleuze certa troca teórica acerca, principalmente, dos temas da psiquiatria e da loucura (Dosse, 2004, pp. 11-13).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

No momento de seu encontro com Deleuze, Guattari já vinha preparando um trabalho a ser apresentado à Escola Freudiana de Paris em que, tomando como referência os textos já publicados de Deleuze intitulados *Diferença e Repetição* e *Lógica dos Sentidos*, ele estabelecia uma crítica àquilo que denominava “lacanismo” (Dosse, 2010, p. 14).

O encontro com Deleuze foi, portanto, um marco no sentido do avanço e aprofundamento de suas críticas ao “lacanismo”. Até esse momento, Félix Guattari se encontrava no lugar de discípulo de Jean Jeacques Lacan e disputava a posição de “parceiro privilegiado” (Dosse, 2010, p. 14) de seu mestre com outros estudantes, mas a atitude de Lacan para com ele era ambígua e não o agradava.

Deleuze, por outro lado, era um filósofo já consagrado e cujas principais obras de autoria individual já haviam sido publicadas. Sua tese, expressa nos livros *Diferença e Repetição* e *Lógica dos Sentidos*, é publicada em 1969 e o autor vê em seu encontro com Guattari a possibilidade de responder às críticas feitas aos seus trabalhos, principalmente por parte dos estruturalistas em geral e dos lacanianos em específico. No momento em que se conhecem, Deleuze por ocasião de uma tuberculose, havia recentemente passado por cirurgia em que lhe fora retirado um pulmão e por isso se encontrava em retiro em sua casa em Limousin, na França (Dosse, 2010, pp. 14-15).

Com o objetivo de aprofundar as trocas teóricas que haviam sido iniciadas com Deleuze, Muiyard decide promover um encontro entre ele próprio, Deleuze e Guattari, que acontece num castelo alugado por este último próximo à sua clínica em La Borde. É ali que os três intelectuais darão prosseguimento, durante todo o mês de agosto de 1969, às discussões acerca de Freud, Lacan, a loucura, as experiências em La Borde e outros

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

temas que constituirão, pouco a pouco, as teses apresentadas no livro *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (Dosse, 2010, p. 14).

Jean-Pierre Muyard considera sua missão de promover o encontro entre Deleuze e Guattari finalizada após este encontro e, ainda que Deleuze manifestasse interesse de que ele continuasse participando das discussões, Muyard se retira (Dosse, 2010, p. 15).

Publicada três anos após o encontro dos autores, a obra *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* apresenta uma tese principal segundo a qual as formas de psicose não passam necessariamente pela triangulação edipiana e cujo desdobramento principal é a crítica ao “familiarismo” da concepção psicanalítica. O ataque à Freud e Lacan é feito, muitas vezes, à própria pessoa dos autores e mesmo dos psicanalistas e não à teoria em si – os argumentos de Deleuze e Guattari contra os psicanalistas na referida obra são extremamente ácidos, como se pode notar, por exemplo, na seguinte citação:

Porque, afinal, e não é preciso esconder isso, Freud não gosta dos esquizofrênicos, não gosta da sua resistência à edipianização, e tende, sobretudo, a tratá-los como bestas: diz que tomam as palavras por coisas, que são apáticos, narcísicos, desligados do real, incapazes de transferência, que eles se assemelham a filósofos, “semelhança indesejável” (Deleuze & Guattari, 2004, p. 40).

Deleuze e Guattari (2004) localizam na teoria do Complexo de Édipo de Freud um tipo de hiperdimensionamento do eu, acusando a teoria freudiana-lacanianiana de não reconhecer que o mecanismo de criação das psicoses passa por outras dimensões que

não aquelas restritas ao trinômio “papai-mamãe-eu” (Deleuze & Guattari, 2004, p. 39).

Segundo os autores:

Nem mesmo Freud sai deste estreito ponto de vista do eu. E o que impedia era a sua própria fórmula trinitária – a edipiana, a neurótica: papai-mamãe-eu. Será preciso perguntar se o imperialismo analítico do complexo de Édipo não teria levado Freud a reencontrar e a garantir com sua autoridade, o lamentável conceito de autismo ligado à esquizofrenia. (...) A grande descoberta da psicanálise foi a produção desejante, as produções do inconsciente. Mas, com o Édipo, essa descoberta foi logo ocultada por um novo idealismo: substituiu-se o inconsciente como fábrica por um teatro antigo; substituíram-se as unidades de produção inconsciente pela representação; substituiu-se o inconsciente produtivo por um inconsciente que podia tão somente exprimir-se (o mito, a tragédia, o sonho...) (Deleuze & Guattari, 2004, pp. 39-40).

Em que pese a gravidade das acusações de Deleuze e Guattari à Freud e à psicanálise, não é parte do escopo deste trabalho analisar a veracidade ou não destas críticas, uma vez que objetiva-se, aqui, apresentar brevemente as principais problemáticas trazidas pelos autores principalmente no que tange à crítica da razão dialética. No entanto, se faz importante tomar nota que, ao criticar a teoria do Complexo de Édipo de Freud, Deleuze e Guattari imputam a ela uma natureza “idealista”, contrapondo a isso a sua teoria supostamente “materialista”, como se verifica nas seguintes palavras:

Uma psiquiatria verdadeiramente materialista define-se, ao contrário, por uma dupla operação: introduzir o desejo no mecanismo e introduzir a produção no

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

desejo. Não há diferença profunda entre o falso materialismo e as formas típicas de idealismo (Deleuze & Guattari, 2004, pp. 38-39).

Nota-se que os autores franceses promovem e legitimam uma verdadeira confusão teórica ao identificar a natureza supostamente materialista de sua teoria com a noção de “desejo”. Na teoria marxiana, a defesa do materialismo (e, não qualquer materialismo, mas o materialismo histórico) se coloca na medida em que Marx compreende que é o trabalho, isto é, o fato de que os homens e mulheres modificam a natureza para sanar as suas necessidades e ao fazê-lo também modificam a si próprios, o elemento fundante da vida social. Diante disso, tanto Marx, quanto a tradição marxista irá buscar na relação do trabalho com todas as outras práxis sociais – sendo o trabalho, em última instância, a explicação das outras esferas da vida – a chave para compreender de forma materialista a gênese, o desenvolvimento e possibilidade de superação da sociedade capitalista. O trabalho é, portanto, o elemento da realidade que confere o caráter materialista na teoria social de Marx e, tomando o termo “materialismo” de forma desvirtuada e amputando totalmente o seu significado original, Deleuze e Guattari (2004) conferem ao “desejo” o elemento que justifica a sua suposta “psiquiatria materialista” em oposição ao idealismo psicanalítico. Importante ressaltar a falta de rigor teórico e, conseqüentemente, também a obscuridade prática que os autores franceses permitem quando realizam essa operação formal de atribuir ao desejo – uma categoria subjetiva – a qualidade de seu “materialismo”.

Segundo Dosse (2010, p. 16), em julho de 1969, Guattari envia a Deleuze algumas notas em que já constava a equivalência que os autores irão estabelecer entre capitalismo e esquizofrenia em sua obra *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. De

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

acordo com Guattari, “o capitalismo é a esquizofrenia, ainda que a sociedade-estrutura possa não ter assumido a produção de ‘esquizo’”. Deleuze, por seu lado, também já começa a formular a relação possível entre o capitalismo e a esquizofrenia. Em carta enviada a Guattari em julho de 1969 (Dosse, 2010, p. 16, *grifos nossos*), ele diz:

(...) trata-se então de mostrar como na psicose, por exemplo, mecanismos socioeconômicos são capazes de incidir diretamente no inconsciente. Isso não significa, evidentemente, que eles incidam como tais (como mais-valia, taxa de lucro...), mas sim como algo muito mais complicado, que o senhor aborda em outra ocasião quando diz que **os loucos não fazem simplesmente cosmogonia, mas também economia-política** ou quando vê com Muiyart uma **relação entre crise capitalista e crise esquizofrênica**.

Como mencionado anteriormente, Deleuze e Guattari tomam as formulações marxianas da Economia Política numa dimensão essencialmente subjetivista: ao atribuir à categoria da produção um caráter do desejo, ao afirmar que o sujeito esquizofrênico “faz” Economia Política, ou mesmo ao dizer que “a sexualidade é questão de economia” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 24) destituem da teoria marxiana seu caráter materialista, teoria cujo grande objetivo foi compreender a gênese, o desenvolvimento e os movimentos do capital como uma **realidade objetiva** decorrente do desenvolvimento histórico da forma de organização da vida material dos homens.

O que é ainda mais importante, no entanto, é tomar nota de que além do ataque direto ao Édipo psicanalítico e da confusão teórica que se desdobra dessa análise, Deleuze e Guattari iniciarão também n’*O Anti-Édipo* uma jornada de desconstrução

sistemática da razão e por consequência uma ofensiva ao método dialético de análise dos fenômenos – o que constitui a segunda problemática que será tratada brevemente neste trabalho. Os autores se reconhecem como anti-hegelianos e travam um confronto com a dimensão da negação nas formulações hegelianas. Regatemos, para demonstrar essa oposição, as palavras do próprio Deleuze em relação à Hegel (1998, p. 13, *grifo nosso*):

Não suportava nem Descartes, os dualismos e o Cogito, **nem Hegel, as tríades e o trabalho do negativo**. Gostava dos autores que pareciam fazer parte da história da filosofia, mas que escapavam dela por um lado ou por todas as partes: Lucrécio, Espinoza, Hume, Nietzsche, Bergson.

O *Anti-Édipo* não é, portanto, um tratado somente contra a “edipianização”, cujas críticas são abundantes na obra, mas também à **razão**, à **materialidade** e à **ontologia**. A aversão dos autores à razão e à materialidade é demonstrada, no conjunto da obra, pela defesa da des-razão que se realiza como elogio ao modo de funcionamento esquizofrênico (por isso “esquizoanálise”), como se pode verificar nas palavras dos autores:

A esquizofrenia é como o amor: não existe nenhuma especificidade ou entidade esquizofrênica, a esquizofrenia é o universo das máquinas desejanças produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como **“realidade essencial do homem e da natureza”** (Deleuze & Guattari, 2004, p. 11, *grifos nossos*).

(...) homem e natureza não são como dois termos postos um em face do outro, mesmo se tomados numa relação de causação, de compreensão ou de expressão (causa-efeito; sujeito-objeto; etc.), **mas são uma só e mesma realidade essencial** do produtor e do produto. A produção como processo excede todas as categorias ideais e forma um ciclo ao qual o desejo se relaciona como princípio imanente. Eis porque a produção desejante é a categoria efetiva de uma **psiquiatria materialista, que situa e trata do esquizo como *Homo natura*** (Deleuze & Guattari, 2004, p. 15, *grifos nossos*).

Deleuze e Guattari (2004), para sustentar uma visão de mundo essencialmente caótica e fragmentada, legatária da filosofia irracionalista, que nega a história dos seres humanos reais, irão buscar na loucura – em especial no modo de funcionamento do esquizofrênico – o modelo para a nova forma de pensar o indivíduo e a sociedade. Nesse sentido, pode-se dizer que os autores negam também a ontologia, isto é, a compreensão de que a realidade existe em si mesma e, embora se expresse na aparência de forma “fragmentada e caótica”, ela pode ser compreendida em sua essência.

A consciência fragmentada do esquizofrênico aparece aqui como “realidade essencial do homem e da natureza” (Deleuze & Guattari, 2004, p. 11) e como modelo almejado do saber - a consciência humana e a própria natureza são, essencialmente, esquizofrênicas. Como afirmam os autores, “o passeio do esquizofrênico: é um modelo muito melhor que o neurótico deitado no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o exterior” (Deleuze & Guattari, 2004, p. 7). Nota-se, portanto, que há, por parte dos autores da esquizoanálise, uma contraposição à noção básica de distinção entre sujeito e

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

objeto, consciência e matéria, homem e natureza – existe a compreensão de que essas categorias guardam entre si uma relação de identidade, isto é, de que são a mesma coisa o que se constitui a negação da possibilidade de uma ontologia, isto é, da existência da realidade para além da subjetividade ou do desejo humano.

A terceira problemática a ser brevemente trabalhada neste texto é relativa aos esforços dos autores da esquizoanálise em amputar da filosofia de Nietzsche suas características essencialmente elitistas e antidemocráticas e atribuir a ela uma aparência progressista.

De acordo com Dosse (2010, p. 113), a obra de Friedrich Nietzsche exerce uma influência fundamental na teoria dos dois autores, especialmente no percurso intelectual de Deleuze. Também Harvey (1992), alerta para o fato de que foi após a intervenção de Nietzsche que a razão da tradição ilustrada passa a ser questionada na definição da essência da natureza humana, “na medida em que Nietzsche dera início ao posicionamento da estética acima da ciência, da racionalidade e da política” (Harvey, 1992, p. 27). Juntamente a Henri Bergson e Baruch Spinoza, Nietzsche é fonte da chamada filosofia vitalista deleuziana que, embora primeiramente formulada pelo próprio Nietzsche, encontra nas posteriores teses deleuzianas uma expressão específica.

De 1946 a 1965, funciona em Paris a Sociedade Francesa de Estudos Nietzscheanos que tem em Deleuze um de seus membros mais ativos. O grupo, formado por filósofos e intelectuais em geral, se debruça sobre as obras de Nietzsche, realizando traduções, oferecendo cursos e editando as obras completas do autor. É desse movimento que advém a obra *Nietzsche e a Filosofia* de Deleuze, publicada em 1962 que, segundo Dosse (2010, p. 114) “inscreve-se como uma extensão de um interesse

reabilitado e de uma renovação dos estudos nietzschianos”. O maior objetivo dessa organização era, segundo o manifesto escrito pelo grupo, “tirar do esquecimento a faculdade crítica, corrosiva, progressista de um pensamento nietzschiano que foi utilizado até então essencialmente em uma perspectiva reacionária e elitista” (Dosse, 2010, p. 113).

O giro retórico operado nas formulações reacionárias de Nietzsche a uma orientação progressista é um feito que tem em Deleuze e Foucault os seus principais impulsionadores (Rehmann, 2007, p. 7). As apropriações “esquerdistas” da teoria nietzschiana contribuem para a formulação de uma das principais armas ideológicas contra a dialética, o que constitui um dos principais pressupostos que permeia todo o processo intelectual de Deleuze e, posteriormente, de Deleuze juntamente à Guattari: a oposição entre o que os autores entendem pelo “princípio de negação” hegeliano e o que chamam de “princípio de afirmação” nietzschiano, “que supera o conceito de contradições dialéticas com o princípio da diferença e do pluralismo” (Rehmann, 2007, p. 8).

Nas palavras de Deleuze (1976, p. 7, *grifos nossos*): “O ‘sim’ de Nietzsche se opõe ao ‘não’ dialético; **é afirmação para a negação dialética; a diferença para a contradição dialética; alegria e gozo para o trabalho dialético; e a leveza e a dança para a responsabilidade dialética**”. A “renovação” do legado nietzschiano e as tentativas de sua transformação em uma teoria de cunho progressista têm suas raízes no desenvolvimento intelectual do próprio filósofo alemão que propõe uma filosofia ativa, que convida para a ação e se reveste de uma roupagem revolucionária para dar respostas às necessidades da intelectualidade de seu tempo. A interpretação deleuziana da teoria

de Nietzsche, os pressupostos da afirmação da vida, da vontade de potência, da transmutação e renovação completa da moral e das virtudes, se pode captar, por exemplo, do seguinte aforismo nietzschiano, que se encontra na obra *Vontade de Poder* – obra organizada por sua irmã Elisabeth Förster-Nietzsche, a partir de fragmentos escritos por Nietzsche:

Os afetos que dizem sim: – o orgulho, a alegria, a saúde, o amor do sexo, a inimizade e a guerra, a veneração, os belos gestos, maneiras, a vontade forte, o cultivo da alta espiritualidade, a vontade de poder, a gratidão à terra e à vida – tudo o que é rico e que quer doar, e que presenteia, doura, eterniza e diviniza a vida – toda a potestade das virtudes transfiguradoras ... tudo o que abençoa, que diz sim, que afirma fazendo (Nietzsche, 2008, p. 497).

Rehmann (2007) explica, no entanto, que a retórica desse “neonietzschianismo”, longe de surgir de uma leitura crítica da obra nietzschiana, expressa, na verdade, uma “interpretação despolitizada e alegórica, que toma as mais reacionárias e anti-democráticas citações de Nietzsche como meras representações de outras coisas, com um senso filosófico mais ‘profundo’” (Rehmann, 2007, p. 9).

CONCLUSÃO

Do exposto, ainda que sejam resultados parciais da investigação empreendida na tese de doutorado, se pode apontar para alguns elementos que permitam afirmar que a teoria de Deleuze e Guattari, conhecida como esquizoanálise, ainda que seja considerada uma filosofia progressista e que muitas vezes os próprios autores façam alusão à tradição marxista e ao materialismo histórico e, em certa medida, se

autodenominem desta forma, na verdade passa ao largo de ser uma teoria materialista histórica tendo, antes, muitos mais traços de uma filosofia essencialmente idealista. Aponta-se também para o fato de que, tendo a esquizoanálise alcançado também o âmbito da Psicologia, se faz necessário analisar por meio das teorias psicológicas a natureza desta teoria, buscando apontar as limitações e possíveis avanços para a construção do conhecimento na ciência psicológica – sugerindo-se mais estudos acerca desta temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Deleuze, G. (1976). *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rio.
Recuperado: 07 de set. 2010. Disponível:
https://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze_nietzsche_ea_filosofia.pdf
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2010a). *Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Dosse, F. (2010). *Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre, RS: Editora Atmed.
- Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural* (pp. 7-277). São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Nietzsche, F. W. (2008). *A Vontade de Poder*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Contraponto.
- Rehmann, J. (2007). *Towards a Deconstruction of Postmodernist Neo-Nietzscheanism: Deleuze and Foucault*. Situations: Project of the Radical Imagination. Vol. 2. N. 1.
Recuperado: 07 set. 2016. Disponível:
<http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/situations/article/viewFile/176/200>